

6719

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 10

---

**Contraste entre as idéas de Imperio**  
**da Gran Bretanha e da Alemanha**

---

PUBLICADA PELO

**Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa**

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



H. S.  
6719

## Contraste entre as idéas de Imperio da Gran Bretanha e da Alemanha

---

### 1.<sup>a</sup> parte

Pode-se olhar por varios modos este contraste; porém o mais elucidativo é talvez o que vem expresso nas palavras de Lucrecio: «A vida não é uma propriedade, mas um deposito.» A concepção dum imperio como deposito está tão longe do espirito alemão hoje como outr'ora do espirito de todos os povos. Para a Alemanha o imperio ainda é uma propriedade, a propriedade da classe governativa autocrata. Na Europa, forma um conjuncto solido, cujo fito é germanisar por completo os povos que não são alemães mas que de tempos a tempos tem sido incorporados no Imperio pela conquista. Em Africa são certos territorios, cujos habitantes deviam ser governados só nos interesses da Alemanha, e não nos seus proprios, territorios que se haviam de utilizar não no sentido de fornecer novos lares á população crescente da Alemanha (que evita, como é notorio, de se estabelecer nas colonias alemãs), mas para oferecer materia prima e mercados novos ao seu co-

mercio. Este preceito está bem enraizado na historia da Prussia. Não só o alemão não tem consideração para nenhuma raça a não ser a sua, como acha que seria uma injustiça tê-la. Treitschke punha a fidelidade ao Estado em primeiro lugar e acima dos direitos da humanidade em geral; segundo Bismark o querer o que ha de melhor para qualquer paiz a não ser o proprio, era um pecado imperdoavel. Esta frase explicam-na gostosamente os seus comentadores fazendo ver que uma opinião em contrario só a tem quem é hipocrita, como o inglez.

Até meados do seculo dezoito a Gran Bretanha tinha as suas colonias na conta de propriedades. Mas para os fins desse seculo as coisas mudaram de face. Emquanto a Prussia se atolava no lôdo da deshonna, a Gran Bretanha aprendia a lição que um imperio não se deve explorar. Homens como Chatham bem o tinham reconhecido; mas o que avivou a compreensão do povo britanico foi a revolta das colonias da America. Nada importa ter sido o rompimento ocasionado por um malentendido; duas teorias estavam em luta e venceu a melhor, em parte porque tinha o apoio, declarado ou tacito, dos melhores instinctos da nação. Desde então a lição tem-se gravado mais e mais no animo da nação: o imperio é um deposito. Não existe hoje na Gran Bretanha quem tenha duvidas a esse respeito.

Baseiam-se naturalmente em grande parte as idéas opostas das duas nações na maneira diferente pela qual os dois Imperios se tem

desenvolvido. No que respeita á Gran Bretanha a conquista subordinou-se sempre á colonisação; no que respeita á Alemanha deu-se o inverso. A colonisação prussiana que se limitou á Europa Oriental, foi feita sempre á custa das raças brancas, Slav ou Letto-Lithuanio, facto este quasi unico na historia da Europa. O avanço constante do germanismo a léste do Elbe, seguindo a conquista militar ou apoiado por ella, foi levado a effeito debaixo da convicção da superioridade do alemão sobre as raças brancas que estavam de posse do solo, e estas foram ou espoliadas ou quasi exterminadas. Quando a conquista alemã se apoderou duma parte da raça polaca — muito numerosa e muito civilisada para ser tratada pelo mesmo modo — lançou mão dum outro expediente: empregou-se contra os polacos a *ofensiva* de Bismark, a qual (com um intervalo durante o ministerio de Caprivi) continuou desde 1886 até ao presente. São dois os meios: primeiro, o despojar os polacos dos seus territorios por effeito duma lei de expropriação obrigatoria; segundo, o impôr medidas calculadas para germanisar o povo. A mesma *ofensiva* applica-se em Alsacia e em Schleswig. Na Alsacia a Alemanha conseguiu, depois de 1871, reduzir á obediencia os habitantes que não eram alemães; porém com os polacos fallharam todas as tentativas. O principe Bulow baseava a sua politica polaca na extraordinaria confissão que sem um bem coordenado plano, o elemento alemão na Polonia prussiana seria assimilado pelos polacos! E' espantoso que tal

pudesse acontecer a uma raça *superior*. O ponto é que a expansão da Prússia e da Alemanha tem prosseguido nestas linhas: conquistar, ou desapossar, ou germanisar as outras raças brancas; os seus territorios passavam então para o Estado prussiano (alemão) e os povos tornavam-se subditos desse Estado e disponíveis para engrossar o exercito alemão e conquistar novos territorios. Não se destruía o seu bem estar material, porque convinha que tivessem dinheiro para pagar os impostos, e corpos vigorosos para o serviço militar. Porém para o seu verdadeiro bem-estar não se olhava; nada importava que se destruíssem tradições nacionais ou mesmo um genero de civilização superior á dos conquistadores. «A historia, disse o profossor Wilamowitz, não reconhece o direito á existencia dum povo que não tem *kultur*.» A ser verdadeira esta detestavel doutrina, nenhum povo se teria civilisado. Apesar da sua falsidade, este dito tem servido de norma á Alemanha, pois, como todos sabem, não ha senão uma *kultur*. Por conseguinte a Alemanha nunca teve considerações para com os que ficavam encorporados no seu Imperio. Não passavam de uma propriedade.

Não é necessario falar em detalhe da Africa alemã. Essas colonias não são o resultado duma colonisação seguida pela bandeira alemã, são extensos territorios concedidos á Alemanha por tratado. Nunca passou pela mente dum alemão que ele ocupava o logar de depositario para com os rudes indigenas; estes não serviam se-

não para serviços arduos e para fornecerem materia prima no fabrico de soldados. O tratamento dado pelos alemães aos seus subditos indigenas tem sido não só brutal mas contra-producente. Encontram-se na Africa Ocidental alemã varios livros sobre o modo de tratar os indigenas; os alemães, contudo, nunca os souberam levar. As sublevações eram incessantes nas suas colonias, porque uma teoria nenhum valor tem quando ha falta do espirito de compreensão. De boa compreensão, de justiça imparcial, de entendimento simpatico não havia nem vislumbre. No que conseguiram os alemães bom resultado foi no disciplinar de soldados, pois o sistema prussiano aproveita todo e qualquer material. O seu governo era um governo de terror. Tem-se a opinião de muitos alemães em Africa que, se a Alemanha conseguir reaver as suas colonias africanas, vai haver um massacre em grande de todas as tribus que se suspeita terem favorecido os Aliados. E porque não? Os indigenas não passam duma propriedade: porque não havemos de dispôr em absoluto do que é nosso?

## 2.<sup>a</sup> parte

Ao estudarmos hoje o Imperio britannico, constatamos que o que ha de mais notavel nele não é a conquista (que tem tido um papel subordinado); não é a força maritima, apesar de ser maravilhosa; não é mesmo as descobertas nem a colonisação, apesar de termos explorado uma grande parte dos desertos do mundo. Demos dois passos na civilisação: o primeiro, a invenção da autonomia; o segundo, a propagação pelo mundo da autonomia. O momento decisivo para a Gran Bretanha foi o da guerra da Independencia das colonias americanas; nesse momento morre a crença que as colonias são propriedade que se deve explorar. Como resultado, as colonias hoje são nações filiais cuja autonomia é tão perfeita como a nossa propria. Emquanto se desenvolviam, eram um deposito, como são os filhos; chegaram hoje á maioridade e estão emancipadas. Porém são ainda como filhas em casa da mãe, não obstante serem elas que mandam na casa propria. Os alemães gostam de se divertir de vez em quando chamando aos canadianos e aos australianos *povos vassallos*. Isto não é só uma falsidade como é tambem uma prova de falta de discernimento. A unica diferença que existe actualmente entre a situação da Gran Bretanha e a dos Dominios consiste neste ponto: que na Gran Bretanha o direito



inherente á corôa de opôr um veto a uma lei, caíu ha muito em desuso, emquanto que nos Dominios tem-se exercido de tempos a tempos. O unico laço visivel que os liga á Gran Bretanha é o trôno. Não admira portanto que, na Alemanha onde os unicos laços que se conhecem são os duma força visivel, existisse até certo ponto, antes da guerra, a crença que o Imperio britanico se desagregaria ao primeiro toque. Hoje estão mais bem informados. Tem visto que esse sentimento que eles afetam de desprezar, pode ter uma força invencivel: os tiros não destroem uma idéa. Os habitantes dos Dominios quando falam de ir a Inglaterra, dizem que vão *home* (ao lar, á patria). Em Westminster Abbey apontam para os tumulos dos *rossos mortos*. Nada pode romper laços desses.

Desde que o mundo é mundo nunca houve um exemplo parecido. O que mais se assemelha hoje é as relações politicas entre a Dinamarca e a Islandia. Porém existe uma grande diferença, pois a Islandia foi colonizada pela Noruega, tem lingua e tradições diversas: parece mais uma republica independente. A Islandia tem mais semelhança com o Transvaal. Falamos na verdade com orgulho da Africa do Sul. Assim como Chatham depois da rebelião de 1745 ganhou a fidelidade dos Highlanders pela confiança que depositou neles (é este o unico precedente para o caso da Africa do Sul de que reza a historia), ganhámos os boers pela confiança que depositámos neles. Poucos anos depois da guerra boer foi concedida á Africa do

Sul uma autonomia completa. Houve em Inglaterra quem receasse o resultado da temeridade de Sir Henry Campbell-Bannerman; no entanto tem tido um exito admiravel e vem justificar o preceito que o maior direito é a maior conveniencia. Quem quizer comprehender o espirito que anima os imperios britanico e alemão, deve confrontar a historia da Africa do Sul desde 1901 com a da Polonia prussiana desde a sua anexação pela Prussia. Na sua analyse elementar o Imperio é uma postura (por assim dizer) do espirito; a nossa attitude não é de conquista como a da Alemanha, mas da dessiminação do Governo autonomo quando isso seja possivel, e, até que chegue esse momento, é uma attitude de educadores e de depositarios. Por exemplo, a India não foi conquistada. Encontramos o imperio Mogul num estado de dissolução e uma grande parte do paiz entregue á anarquia. Ora, a anarquia não é menos inimiga da liberdade e das instituições livres que o proprio despotismo; não passam de ser duas formas do mesmo mal; isto é, a licença, que é a negação da ordem. A nossa tarefa na India tem sido a de estabelecer as bases duma sociedade estavel, introduzir a justiça e a ordem, preparar o caminho para a autonomia. O quadro da India que trazemos gostosamente na nossa mente, não é o espectáculo pomposo da assembleia dos principes indios no Durbar do Rei em Delhi. E' o quadro dum inglez solitario, num districto afastado, reconstruindo pontes em ruina, matando os animais ferozes que assolam as aldeias, traba-

lhando as 24 horas do dia em periodos de fome local, conduzindo indirectamente o povo para uma mais elevada norma de vida e de dever: eis o verdadeiro quadro do dominio britanico, o espirito que anima o Imperio. Os que não conhecem a India falam muito numa autonomia indiana. A India contem raças infindas; abraça ao mesmo tempo povos que teem um alto grau de civilisação — uma civilisação mais antiga que a da Europa — e tribus das florestas que ainda põem em pratica o casamento por grupos; tem pelo menos seis religiões principais e ceitas sem conto; tem 147 linguas distinctas; tem o sistema de classe o mais rigido que se conhece. Não é uma nação, é um universo. Se abandonassemos a India amanhã, voltaria de novo á anarquia, pois a India não está preparada para o governo autonomo — ainda. Perguntai ao primeiro soldado Sikh que encontrardes o que aconteceria se a Gran Bretanha se retirasse. A resposta será nitida e bate no ponto; será tambem um grande choque para os doutrinarios. Aplicar á India uma teoria geral seria um desastre. Seguimos pelo unico bom caminho, o de aumentar passo a passo e constantemente a participação dos nossos irmãos na India na direcção dos seus proprios negocios. O progresso feito é animador. Ha mais dum seculo que fazemos aprendizagem para comprehendermos e simpatizarmos com os diferentes modos de pensamento e de crença que encontramos no paiz; temos sido bem recompensados pela lealdade dos principes e dos povos da India durante esta guerra.

A ambição do imperio alemão na Europa tem sido a de estabelecer a uniformidade em todas as coisas importantes, e tem alcançado esse fim em grande parte. Porém na nossa teoria de imperio não entra a uniformidade. O nosso imperio compreende toda a casta de gente: raças brancas da Europa, da mesma ou outra origem; raças fóra da Europa que tem uma alta civilisação; raças ainda francamente na infancia. Tem-se aplicado todas as formas de governo, desde o governo de tutela até o governo de completa autonomia. Tem sido preciso uma grande flexibilidade de espirito e de simpatias para tratar com esta grande diversidade de povos. Felizmente o nosso character nacional inclina-nos a fugir da teoria para atender ás necessidades práticas de momento e de logar; ao mesmo tempo a nossa educação incute o bom senso e a capacidade de aprender. Esta é uma das mais essenciais das nossas idéas sobre o imperio, a saber, que cada raça tem as suas necessidades individuais, e que, a cumprir o nosso dever como depositarios, temos de satisfazer estas necessidades.

### 3.<sup>a</sup> parte

Qual é então o cimento com o qual se consolidam estes dois imperios — um tão heterogeneo, outro tão uniforme? O alemão não estudou a autonomia porque o não conhece como não conhece as necessidades particulares das raças que lhe são sujeitas. Ainda que se reconheça que o sentimento de fazer parte do imperio alemão tem força, porém não pode, por si só, fornecer resposta ao quesito, pois o imperio alemão não inclue a parte grande da raça germanica, mas sim muitos milhares de individuos que não são alemães. Felizmente a resposta não admite duvida. Se ha alguém que a deve conhecer, é decerto o principe Bulow que foi Chanceler imperial durante doze anos; segundo ele a resposta é simples — é o exercito alemão. O imperio alemão, fundado em conquistas, a ultima praça forte do governo absoluto ora existente na Europa (a não ser a Austria e os Balkans), é, a seu ver, essencialmente um imperio militar. Todas as suas idéas derivam do militarismo.

«Os Estados mantem-se, diz Bulow, pelas forças ás quais devem a sua grandeza.» Depois passa a descrever detalhadamente que essa força na Alemanha tem sido o exercito prussiano — hoje o exercito alemão —, visto que os laços intimos que unem os Estados federados com o

Estado principal, a Prussia, deram a sua expressão mais espontanea na aceitação das instituições militares da Prussia. O exercito alemão deve fidelidade á pessoa do Kaiser; é por causa disto «que o exercito alemão está estreitamente ligado com o sentimento do imperio e com a idéa da sua união... E' ainda mais por meio do exercito do que pela constituição ou da lei comum ou civil que o Estado e a nação na Alemanha alcançam a união». Por isso vemos na Alemanha actualmente ao lado duma fé crescente entre a secção mais moderada, que a anexação de povos brancos pode não constituir o resultado mais produtivo da conquista militar, uma outra fé que um dos elementos da anexação indirecta tão apoiada no caso da Belgica, seria o ter a Alemanha debaixo do seu dominio o exercito e os meios de transporte, etc., precisos na guerra. Todas as idéas alemãs sobre o imperio tendem a considerá-lo como uma força militar de conquista. Todos os jornais alemães que nos chegam pedem em altos gritos a anexação. Esta pretensão atinge o seu ponto culminante (por agora) na exigencia recente da sucursal de Mainz da Liga Pan-Germanista para que se anexasse todo o Imperio Britanico. Ao mesmo tempo os escritores um após outro clamam que é forçoso que a Alemanha aumente de grandeza e de força ou que deixe de existir. «A boa guerra, disse Nietzsche, santifica toda a causa.» Não ha quem não tenha lido discursos á farta sobre esse tema. A crêmos a escola dominante dos escritores alemães, temos de fazer

idéa dum imperio que, por ter sido fundado na guerra e pela guerra, só pode adquirir e sustentar a vitalidade — como os espectros ressuscitados por Odisséa — bebendo sangue.

Não será preciso determo-nos com ainda outras idéas que apareceram na Alemanha nestes ultimos anos sobre o que se pode chamar imperio *indirecto*: a anexação indirecta, isto é, o administrar todos os meios de poderio num paiz que é nominalmente independente; ter nas suas mãos por meio duma *penetração pacifica* a vida economica doutro; governar indirectamente em paizes que se dizem aliados, por exemplo os varios projectos que dizem respeito á Europa Central que começam por a Alemanha ter debaixo do seu dominio os respectivos exercitos; o melhor método de utilizar os colonos alemães no intuito de estender o poderio alemão nos paizes estrangeiros, método que deu um desapontamento tão grande nos Estados Unidos e no Brazil. Vejamos o que faz o imperio britânico no meio da sua grande diversidade de povos. A nação britânica viu-se obrigada a idear um plano que não só formaria um conjuncto de raças em diversos graus de civilisação, mas que o fizesse sem injustiça para com as mais fracas ou mais atrasadas, e que servisse de mediador entre elas. E' evidente que as formas politicas não podem convir. Poderá ser que um dia se estabeleça uma confederação entre a Gran Bretanha e os seus Dominios; porém é certissimo que não ha confederação, por mais liberal que seja, que pudesse abraçar todo o imperio.

Num sentido, encontra-se o ideal que tínhamos de procurar na liberdade e na autonomia; porém as raças mais atrasadas não podem assumir a autonomia sem preparatorios e, fóra as raças brancas, é antes um ideal a visar no porvir por meio da educação.

Noutro sentido, poderá achar-se no character individual. A qualidade que tem mais força para cimentar as diferentes partes do imperio é a individualidade do administrador britanico: a abnegação pessoal com que ele se dedica á sua tarefa para o bem dos governados; o bom senso adaptado ás circumstancias, que toma em conta os factos, fugindo ás teorias; o character moral que inspira a confiança em todos. Porém é preciso mais alguma coisa: é a fé que as mesmas leis morais que se impõem ao individuo devem impôr-se tambem aos Estados e ás comunidades. O que se pensava ou se praticava em tempos idos não vem ao caso: o ponto é o modo de agir e de pensar na actualidade. Ha muito tempo já que o bom senso do povo britanico não tem fraquejado nesta crença — crença que Gladstone prégou com ardor apaixonado. Temos tido, na verdade, escritores publicos que ensinaram o contrario, porém foram homens que viviam afastados da corrente do nosso modo de ver e que se achavam debaixo da influencia mental alemã. Desta nossa fé nasce o ideal que, acima de tudo, une o nosso imperio, — ideal que a todos pode beneficiar desde agora — o ideal britanico de justiça.

Não é caso de se estabelecer nem este nem



aquele sistema de leis; obramos quanto possível pelas leis e pelos costumes existentes. Não é só o facto de concedermos a outros povos instituições justas. O nosso fito é mais elevado: que todos os povos do imperio sintam que a justiça os acompanha, que faz parte da sua vida, tanto como o ar ambiente que respiram. Desejamos tirar a nossa inspiração, não duma copia de justiça terrestre, mas da propria fonte de justiça, cujo modelo, como disse Platão, está no céu. Esta ambição temos conseguido em grande parte: não existe raça no imperio de alem-mar que tenha a menor duvida a respeito da justiça britanica. Este é um fito muito mais elevado do que qualquer que a Alemanha tenha mesmo sonhado.





